

## Prólogo para Franceses

### I

Este livro — supondo que seja um livro — data... Começou a publicar-se num jornal madrileno de 1927, e trata de um assunto demasiado humano para não ser afetado de mais pelo tempo.<sup>1</sup> Há épocas em que a realidade humana, sempre móvel, se acelera, se embala em velocidades vertiginosas. A nossa época é deste tipo, porque é de descidas e quedas. Daí os factos terem deixado para trás o livro. Muito do que nele se enuncia depressa foi presente e já é passado. Além disso, como este livro circulou muito durante estes anos fora da França, não poucas das suas fórmulas já chegaram ao leitor francês por vias anónimas e são puro lugar-comum. Teria sido, portanto, excelente ocasião para praticar a obra de caridade mais própria do nosso tempo: não publicar livros supérfluos. Fiz tudo o que foi possível neste sentido — vai fazer cinco anos que a casa Stock me propôs a sua tradução; mas foi-me feito ver que o organismo de ideias enunciadas nestas páginas não consta ao leitor francês e que, certo ou erróneo, seria útil submetê-lo à sua meditação e à sua crítica.

Não estou muito convencido disso, mas não é coisa para formalismos. Importa-me, contudo, que não entre na sua leitura com ilu-

1 [A primeira edição de *A Rebelião das Massas* apareceu em 1930, e o seu primeiro capítulo fora publicado em *El Sol* com data de 24 de outubro de 1929, mas estas páginas refundiam outras de 1927. Veja-se a nota da página 219 desta edição.]

sões injustificadas. Conste, pois, que se trata simplesmente de uma série de artigos publicados num jornal madrileno de grande circulação. Como quase tudo o que escrevi, estas páginas foram para uns quantos espanhóis que o destino colocara à minha frente. Não é sobremaneira improvável que as minhas palavras, mudando agora de destinatário, logrem dizer aos Franceses o que elas pretendem enunciar? Mal posso esperar melhor fortuna quando estou persuadido de que falar é uma operação muito mais ilusória do que normalmente se crê, como, por certo, quase tudo o que o homem faz. Definimos a linguagem como meio que serve para manifestarmos os nossos pensamentos. Mas uma definição, se é verídica, é irónica, implica reservas tácitas, e quando não é interpretada assim produz resultados funestos. Tal como esta. O que menos importa é a linguagem servir também para ocultar os nossos pensamentos, para mentir. A mentira seria impossível se o falar primário e normal não fosse sincero. A moeda falsa circula sustida pela moeda sã. Ao fim e ao cabo, o engano é um humilde parasita da ingenuidade.

Não; o mais perigoso daquela definição é o acrescento otimista com que costumamos ouvi-la. Porque ela própria não nos assegura que possamos por meio da linguagem manifestar com suficiente adequação todos os nossos pensamentos. Não se compromete a tanto, mas também não nos faz ver francamente a verdade estrita: que, sendo impossível ao homem entender-se com os seus semelhantes, estando condenado a radical solidão, se extenua em esforços para chegar ao próximo. Destes esforços, é a linguagem o que consegue às vezes exprimir com mais aproximação algumas das coisas que se passam dentro de nós. Nada mais. Porém, normalmente, não usamos estas reservas. Pelo contrário, quando o homem se põe a falar, fá-lo porque crê que vai poder dizer quanto pensa. Pois bem, isto é que é ilusório. A linguagem não dá para tanto. Diz, pouco mais ou menos, uma parte do que pensamos e põe uma vala infranqueável à transfusão do resto. Serve bastante bem para enunciados e provas matemáticas; já ao falar de física começa a tornar-se equívoca e insuficiente. Mas à medida que a conversa se ocupa de temas mais importantes do que esses, mais humanos, mais «reais», vai aumentando a sua imprecisão, o seu entorpecimento e a sua confusão. Dóceis ao preconceito inveterado de que falando nos entendemos, dizemos e ouvi-

mos com tanta boa-fé que acabamos muitas vezes por nos mal-entendermos muito mais do que se, mudos, nos procurássemos adivinhar.

Esquece-se de mais que todo o dizer autêntico não só diz algo, como o diz alguém a alguém. Em todo o dizer há um emissor e um recetor que não são indiferentes ao significado das palavras. Este varia quanto aqueles variam. *Duo si idem dicunt non est idem*. Todo o vocábulo é ocasional.<sup>2</sup> A linguagem é, por essência, diálogo, e todas as outras formas do falar reduzem a potência da sua eficácia. Por isso eu creio que um livro só é bom na medida em que nos traz um diálogo latente, em que sentimos que o autor sabe imaginar concretamente o seu leitor e este percebe, como que saindo das linhas, uma mão ectoplásmica que apalpa a sua pessoa, que quer acariciá-la ou, então, muito cortesmente, dar-lhe um murro.

Abusou-se da palavra e por isso caiu em desprestígio. Como em tantas outras coisas, aqui o abuso consistiu no uso sem preocupações, sem consciência da limitação do instrumento. Há quase dois séculos que se tem pensado que falar é falar *urbi et orbi*; quer dizer, a toda a gente e a ninguém. Eu detesto esta maneira de falar e sofro quando não sei muito concretamente a quem falo.

Contam, sem insistir demasiado na realidade do facto, que, quando se celebrou o jubileu de Victor Hugo, se organizou uma grande festa no Eliseu, à qual afluíram, levando a sua homenagem, representações de todas as nações. Achava-se o grande poeta na enorme sala de receções, em solene atitude de estátua, com o cotovelo apoiado no rebordo duma chaminé. Os representantes das nações avançavam à frente do público e apresentavam a sua homenagem ao vate da França. Um mestre de cerimónias, com voz de estentor, ia-os anunciando:

«*Monsieur le représentant de l'Angleterre!*» E Victor Hugo, com voz de dramático *tremolo*, revirando os olhos, dizia: «*L'Angleterre! Ah, Shakespeare!*» O mestre de cerimónias prosseguiu: «*Monsieur le représentant de l'Espagne!*» E Victor Hugo: «*L'Espagne! Ah, Cervantes!*» O mestre de cerimónias: «*Monsieur le représentant de l'Allemagne!*» E Victor Hugo: «*L'Allemagne! Ah, Goethe!*»

<sup>2</sup> Veja-se o ensaio do autor intitulado «History as System», no volume *Philosophy and History*. Homages to Ernst Cassirer. Londres, 1936.

Mas, entretanto, chegou a vez de um senhor pequeno, achaparrado, gorducho e trôpego no andar. O mestre de cerimônias gritou: «*Monsieur le représentant de la Mésopotamie!*»

Victor Hugo, que até aí permanecera impertérrito e seguro de si mesmo, pareceu vacilar. As suas pupilas, ansiosas, fizeram um grande giro circular como que buscando em todo o cosmo algo que não encontrava. Mas, de súbito, percebeu-se que descobrira e que voltava a sentir-se dono da situação. Com efeito, com o mesmo tom patético, com não menos convicção, respondeu à homenagem do rotundo representante dizendo: «*La Mésopotamie! Ah, l'Humanité!*»

Referi isto a fim de declarar, sem a solenidade de Victor Hugo, que não escrevi nem falei nunca para a Mesopotâmia, e que jamais me dirigi à Humanidade. Este costume de falar à Humanidade, que é a forma mais sublime e, portanto, mais desprezível da demagogia, foi adotado por volta de 1750 por intelectuais destrambelhados, ignorantes dos seus próprios limites e que, sendo, por ofício próprio, os homens do dizer, do *logos*, usaram dele sem respeito nem precauções, sem se darem conta de que a palavra é um sacramento de mui delicada administração.

## II

Esta tese que sustenta a exiguidade do raio de ação eficazmente concedido à palavra podia parecer invalidada pelo próprio facto de este volume ter encontrado leitores em quase todas as línguas da Europa. Creio, no entanto, que este facto é mais um sintoma de outra coisa, de outra coisa grave: da pavorosa homogeneidade de situações em que todo o Ocidente está a cair. Desde o aparecimento deste livro que, pela mecânica que nele próprio se descreve, essa identidade cresceu de forma angustiante. Digo angustiante porque, com efeito, o que em cada país é sentido como circunstância dolorosa multiplica até ao infinito o seu efeito deprimente quando aquele que o sofre se apercebe de que quase não há lugar no continente onde não aconteça estritamente a mesma coisa. Antes, podia arejar-se a atmosfera confinada de um país abrindo as janelas que dão para o outro. Mas agora não serve de nada este expediente, porque

no outro país a atmosfera é tão irrespirável como no nosso. Daí a sensação opressora de asfixia. Job, que era um terrível *prince-sans-rire*, pergunta aos amigos, aos viajantes e mercadores que andaram pelo mundo: «*Unde sapientia venit et quis est locus intelligentiae?*» (Sabeis de algum lugar do mundo onde exista a inteligência?).

Contudo, convém que distingamos nesta assimilação progressiva das circunstâncias duas dimensões diferentes e de valor oposto.

Este enxame de povos ocidentais que se lançou a voar sobre a história desde as ruínas do mundo antigo caracterizou-se sempre por uma forma dual de vida. Pois aconteceu que, conforme cada um ia formando o seu génio peculiar, se ia criando entre eles ou sobre eles um repertório comum de ideias, maneiras e entusiasmos. Mais ainda. Este destino, que ao mesmo tempo os fazia progressivamente homogêneos e progressivamente diversos, há de entender-se como paradoxo de alguma forma superlativo. Porque neles a homogeneidade não foi alheia à diversidade. Pelo contrário: cada novo princípio uniforme fertilizava a diversificação. A ideia cristã engendra as igrejas nacionais; a recordação do *Imperium* Romano inspira as diversas formas de Estado; a «restauração das letras», no século xv, desencadeia as literaturas divergentes; a ciência e o princípio unitário do homem como «razão pura» criam os distintos estilos intelectuais que modelam diferencialmente até às extremas abstrações da obra matemática. Enfim e para cúmulo: até a ideia extravagante do século xviii, segundo a qual todos os povos hão de ter uma constituição idêntica, produz o efeito de despertar romanticamente a consciência diferencial das nacionalidades, o que vem a ser como incitar cada qual para a sua vocação particular.

E é que, para estes povos chamados europeus, viver foi sempre — claramente desde o século xi, desde Otão III — mover-se e atuar num espaço ou âmbito comum. Quer dizer, para cada um viver era conviver com os outros. Esta convivência tomava indiferentemente aspeto pacífico ou combativo. As guerras intereuropeias mostraram quase sempre um estilo curioso que faz que se pareçam muito com as rixas domésticas. Evitam a aniquilação do inimigo e parecem-se mais com certames, lutas de emulação, como as dos rapazes numa aldeia, ou disputas de herdeiros pela partilha duma herança familiar. Um pouco de outro modo, todos procuram a mesma coisa.